

## JOHN GRESHAM MACHEN CONTRA O LIBERALISMO: EM DEFESA DA FÉ CRISTÃ

*Valdeci da Silva Santos\**

### RESUMO

John Gresham Machen (1881-1937) foi um dos teólogos mais influentes e articulados a defenderem o cristianismo ortodoxo contra as tendências liberais no início do século 20. Influenciado por sua formação protestante reformada, ele recebeu o seu treinamento teológico no Seminário de Princeton, nos Estados Unidos, bem como nas universidades de Marburg e Göttingen, na Alemanha. Ao retornar ao seu país, ele iniciou sua carreira docente, lecionando literatura e exegese do Novo Testamento no Seminário de Princeton, de 1906 a 1929. Devido ao crescente liberalismo no Seminário de Princeton, Machen e alguns outros professores deixaram aquela instituição para fundar o Seminário Teológico Westminster. Com o aumento das controvérsias teológicas em sua denominação (Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América – PCUSA), Machen foi julgado e disciplinado. Como uma de suas últimas contribuições, ele participou ativamente da criação da Igreja Presbiteriana Ortodoxa, em 1936. O presente artigo aborda alguns aspectos principais da vida e obra de Machen. No final, o autor também procura extrair algumas lições práticas das contribuições desse servo de Deus, cujo ministério foi caracterizado por sua luta pela fé uma vez entregue aos santos.

### PALAVRAS-CHAVE

Machen; presbiterianismo; fundamentalismo; liberalismo; modernismo; Seminário Teológico de Princeton; Seminário Teológico de Westminster; educação teológica; Igreja Presbiteriana Ortodoxa.

---

\* O autor é ministro presbiteriano com mestrado em Teologia Sistemática (Th.M.) e doutorado em Estudos Interculturais (Ph.D.) pelo Reformed Theological Seminary, Jackson, Mississippi, Estados Unidos. É pastor da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo e professor de teologia sistemática e teologia prática no CPAJ e coordenador do programa de Doutorado em Ministério (D.Min.) do CPAJ/RTS.

## INTRODUÇÃO

John Gresham Machen (1881-1937) é considerado “um dos últimos grandes defensores da teologia de Princeton”<sup>1</sup> e um dos líderes intelectuais mais brilhantes da reação conservadora ao liberalismo nas décadas de 1920 e 1930. A influência de Machen foi sentida não só nos círculos cristãos, mas em todo o cenário americano e até mesmo internacionalmente.<sup>2</sup> Douglas F. Kelly argumenta que “o cristianismo evangélico no mundo ocidental deve muita coisa a Machen e às organizações que ele fundou, por explicarem com inteligência e coragem a verdade cristã histórica e por sua firme defesa da fé”.<sup>3</sup>

Machen viveu numa época em que o interesse por assuntos religiosos, quer comparativos, históricos ou filosóficos, multiplicava-se rapidamente. Sua existência foi marcada por intensos debates teológicos. Ele viveu relativamente só e morreu ainda jovem em meio a várias atividades. Sua participação na criação do Seminário Teológico Westminster e na organização da Igreja Presbiteriana Ortodoxa (OPC) dos Estados Unidos foi decisiva.

A causa teológica defendida por Machen tem sido, ao longo dos anos, marcada pela impopularidade. Isso certamente não lhe causaria espanto, pois ele estava consciente de que, “na esfera da religião, assim como em outras esferas, as coisas sobre as quais os homens concordam podem ser aquelas que menos valem sustentar; as coisas realmente importantes são aquelas pelas quais os homens lutam”.<sup>4</sup> Alguns estudiosos, porém, têm observado que muitos dos assuntos abordados por Machen, se não todos, estão de uma forma ou de outra presentes no evangelicalismo atual.<sup>5</sup>

No Brasil, a história de Machen e sua luta em defesa da ortodoxia protestante são relativamente desconhecidas.<sup>6</sup> Assim sendo, o presente ensaio visa preencher uma lacuna importante do referencial histórico do protestantismo

<sup>1</sup> NOLL, Mark A. Machen, John Gresham. Em *New Dictionary of Theology*, orgs., Sinclair B. Fergusson, David F. Wright e J. I. Packer. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1988, pp. 407-408, e GODFREY, W. Robert. Liberalism: attractions and dangers. *The Outlook* (Maio 1997), p. 6.

<sup>2</sup> REID, W. Stanford. J. Gresham Machen. Em *Reformed Theology in America*, org., David F. Wells. Grand Rapids, MI: Baker, 1997, p. 95.

<sup>3</sup> KELLY, Douglas F. Machen, John Gresham. Em *Enciclopédia Histórico-teológica da Igreja Cristã*, vol. II, org. Walter A. Elwell. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 463.

[S0]Indicar com que idade

<sup>4</sup> MACHEN, J. Gresham. *Cristianismo e liberalismo*. São Paulo: Os Puritanos, 2001, p. 13.

<sup>5</sup> HART, Daryl G. *Defending the faith: J. Gresham Machen and the crisis of conservative Protestantism in modern America*. Grand Rapids, MI: Baker, 1995; HART, D. G. e MUETHER, John. *Fighting the good fight: A brief history of the Orthodox Presbyterian Church*. Philadelphia: The Committee on Christian Education and the Committee for the History of the Orthodox Presbyterian Church, 1995; e LONGFIELD, Bradley J. *The Presbyterian controversy: Fundamentalists, modernists and moderates*. Nova York: Oxford University Press, 1991.

<sup>6</sup> Até o presente, o protestantismo brasileiro conta apenas com uma obra de Machen traduzida e publicada em português: o livro *Cristianismo e liberalismo* (citado acima).

brasileiro a fim de que este continue mantendo-se no curso principal do cristianismo diante do desafio religioso inclusivista e pluralista de nossa época.

Com o objetivo de avaliar adequadamente a contribuição de Machen ao cristianismo reformado, este artigo procura fornecer uma visão geral dos fatos mais marcantes de sua vida e obra.<sup>7</sup> Dessa forma, o enfoque desse trabalho dirige-se a cinco tópicos principais: o círculo familiar, os estudos teológicos e a crise religiosa de Machen, os conflitos na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América e a formação da Igreja Presbiteriana Ortodoxa. Ao final, serão ressaltadas algumas lições objetivas da vida e obra de John G. Machen.

### 1. CÍRCULO FAMILIAR

John Gresham Machen nasceu em 28 de julho de 1881, em Baltimore, Maryland, dezesseis anos após a Guerra Civil americana, e foi criado em uma tradicional família presbiteriana do sul dos Estados Unidos sob uma disciplina que combinava piedade e intelectualidade. Ele foi o segundo de três filhos do casal Machen. Seu pai, Arthur W. Machen, foi um advogado proeminente entre seus contemporâneos e instilou no filho um interesse pelo estudo do direito, da lógica e da literatura clássica. Sua mãe, Mary G. Machen, também exerceu sólida influência sobre a formação do filho, levando-o a obter um considerável conhecimento da Bíblia e dos Catecismos de Westminster, algo que ela fez com todos os seus três filhos, pois eles foram obrigados a memorizar o Catecismo Menor e os nomes de todos os reis de Israel.<sup>8</sup>

O pai de Machen teve uma formação presbiteriana, mas assim que se mudou para Baltimore, freqüentou várias outras denominações antes de finalmente tornar-se membro da Igreja Presbiteriana da Rua Franklin [Franklin Street Presbyterian Church]. Ainda que sua participação nessa igreja pareça ter sido assídua, a ponto de assumir a posição de presbítero da mesma,<sup>9</sup> ao que tudo indica foi Mary G. Machen, com sua devoção calvinista, quem assumiu a liderança espiritual da família. Bradley J. Longfield observa que, como resultado da influência religiosa de sua mãe, “desde o início de sua adolescência” John G. Machen “possuía um sólido conhecimento das Escrituras e da doutrina reformada”.<sup>10</sup> Em sua fase adulta, John reconheceria

<sup>7</sup> O presente ensaio não fornece um estudo aprofundado dos escritos de Machen, mas o leitor interessado nesse exercício poderá começar por algumas de suas obras mais influentes: *Christianity and culture* (1913), *History and faith* (1915), *The origin of Paul's religion* (1921), *New Testament Greek for beginners* (1923), *Cristianismo e liberalismo* (1923), *Reforming the government schools* (1925), *What is faith* (1925), *The virgin birth* (1930), *A brief Bible history: A survey of the Old and New Testament* (1931), *The Christian faith in modern world* (1936) e *The Christian view of man* (1937). Mais recentemente tem sido publicada uma coleção de sermões de Machen sob o título *Historic Christianity*. Philadelphia: Sowers Publication, 1997.

<sup>8</sup> HART, Darryl G. J. Gresham Machen. Em *Handbook of evangelical theologians*, org., Walter A. Elwell Grand Rapids, MI: Baker, 1993, p. 130; *Defending*, p. 13.

<sup>9</sup> HART, Darryl G. J. Gresham Machen and the cost of faithfulness. *The Outlook* (Maio, 1997): p. 3.

<sup>10</sup> LONGFIELD, *Controversy*, p. 32.

## VALDECI DA SILVA SANTOS, JOHN GRESHAM MACHEN CONTRA O LIBERALISMO

que, quando criança, seu conhecimento das Escrituras superava ao de muitos dos seus alunos no seminário.<sup>11</sup> Aos quatorze anos de idade, Machen fez sua pública profissão de fé na Igreja Presbiteriana da Rua Franklin.

Como membro da elite sulista americana, Machen teve uma formação privilegiada. Daryl G. Hart assevera que “os pais de Machen o cercaram com tudo que havia de melhor na cultura vitoriana e o encorajaram a buscar uma educação de primeira linha”.<sup>12</sup> Além do mais, naquela época Baltimore era a mais influente cidade do sul dos Estados Unidos e John G. Machen se beneficiou de toda a cultura que a mesma tinha para oferecer.<sup>13</sup> Quando jovem ele acompanhava sua mãe nas periódicas viagens de férias, quando ambos podiam apreciar as artes e os diferentes aspectos culturais da Nova Inglaterra.

Seguindo a tradição de grande parte da aristocracia sulista, Machen recebeu uma educação clássica em uma academia local e, aos dezessete anos, ingressou na Universidade Johns Hopkins. A universidade estava localizada a poucas quadras de sua casa e ali John Machen formou-se como o primeiro de sua turma em 1901. Após a formatura, ele permaneceu mais um ano na universidade, visando a uma especialização em grego clássico.<sup>14</sup> O seu tutor na ocasião foi Basil L. Gildersleeve, o mais famoso professor de grego clássico do país naquela época, o qual também era presbítero na igreja que os Machen freqüentavam.<sup>15</sup> Tendo se destacado nos estudos, o avô de John o presenteou com uma viagem à Europa, “quando então aumentou o seu desejo de estudar na Alemanha”.<sup>16</sup>

Um parágrafo da biografia de Machen, preparada por seu contemporâneo Ned B. Stonehouse, dá uma idéia de sua privilegiada condição financeira. Segundo Stonehouse, Machen herdou, aos 21 anos de idade, a soma de 50.000 dólares do seu avô materno, sendo que seu salário anual como professor em Princeton, mais tarde, viria a ser 2.000 dólares. Aos 35 anos, ele herdou outra soma semelhante com a morte de seu pai. Machen demonstrou tamanha prudência no investimento deste dinheiro que, por ocasião de sua morte em 1937, sua fortuna totalizava 250.000 dólares.<sup>17</sup> Devido a tal condição financeira, ele pôde realizar viagens esporádicas à Europa, publicar vários livros e contribuir generosamente para a fundação do Seminário Teológico Westminster.

---

<sup>11</sup> STONEHOUSE, Ned B. *J. Gresham Machen: A biographical momoir*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1987, p. 40.

<sup>12</sup> HART, *Faithfulness*, p. 3.

<sup>13</sup> LONGFIELD, *Controversy*, p. 39.

<sup>14</sup> REID, *Machen*, p. 96.

<sup>15</sup> LONGFIELD, *Presbyterian*, p. 39.

<sup>16</sup> REID, *Machen*, p. 96.

<sup>17</sup> STONEHOUSE, *Biographical*, p. 393.

A formação cultural de Machen foi altamente positiva no desenvolvimento dos talentos acadêmicos que tanto lhe valeram durante os anos de debates contra o liberalismo. Hart afirma que tal educação fez dele um professor amado por seus alunos, um excelente acadêmico e um extraordinário escritor.<sup>18</sup>

## 2. ESTUDOS TEOLÓGICOS

Em 1902, Machen matriculou-se simultaneamente no Seminário e na Universidade de Princeton.<sup>19</sup> Naquela época, todavia, ele não estava seguro quanto à sua vocação ministerial e, no princípio, nem parecia levar tão a sério seus estudos teológicos.<sup>20</sup> W. Stanford Reid argumenta que o ingresso de Machen em Princeton foi motivado pelo seu interesse em ser instruído por homens como Francis Patton e Benjamin Breckinridge Warfield.<sup>21</sup> Com o passar do tempo, Machen parece ter dedicado maior atenção ao seu curso no seminário, pois destacou-se nos estudos de Novo Testamento e, além de obter um mestrado em filosofia por aquela universidade, completou seu curso no Seminário de Princeton em 1905.<sup>22</sup>

Durante seu período em Princeton, Machen demonstrou um interesse especial pela doutrina do nascimento virginal de Cristo, doutrina que experimentava grande contestação nos círculos teológicos americanos da época, e sobre este assunto escreveu sua monografia, que foi publicada no *Princeton Theological Review* [Revista Teológica de Princeton].<sup>23</sup> Também, no final de seus estudos teológicos, Francis L. Patton, o presidente do seminário, juntamente com o professor William P. Armstrong, insistiram com Machen para que ele considerasse a hipótese de permanecer em Princeton como instrutor de grego neotestamentário.<sup>24</sup> Indeciso, Machen preferiu passar um ano na Alemanha, onde ele poderia aprofundar seus conhecimentos de teologia bíblica. Hart comenta o fato de que “ainda que ele pudesse ter as despesas de suas viagens custeadas por Princeton [caso tivesse aceito o convite], ele recusou a proposta, não querendo colocar-se sob tamanha obrigação”.<sup>25</sup>

Na Alemanha, Machen estudou um semestre na Universidade de Marburg e outro na Universidade de Göttingen, duas referências acadêmicas na época. Naqueles centros, ele ficou diretamente exposto ao liberalismo teológico e teve por professores homens como Adolf Jülicher, Johannes Weiss,

<sup>18</sup> HART, *Faithfulness*, p. 3.

<sup>19</sup> REID, *Machen*, p. 96.

<sup>20</sup> HAWKINS, *A short*, p. 2.

<sup>21</sup> STANFORD, *Machen*, p. 96.

<sup>22</sup> HART, *Faithfulness*, p. 3.

<sup>23</sup> REID, *Machen*, p. 96.

<sup>24</sup> LONGFIELD, *Controversy*, p. 43.

<sup>25</sup> HART, *Defending*, p. 44.

## VALDECI DA SILVA SANTOS, JOHN GRESHAM MACHEN CONTRA O LIBERALISMO

Wilhelm Herrmann e W. Bousset.<sup>26</sup> Assim como Abraham Kuyper, Machen sentiu-se inicialmente atraído pelos argumentos do liberalismo e isso o lançou em um profundo período de questionamentos e confusão.<sup>27</sup> Quem mais o impactou e influenciou, devido à sua personalidade atraente e entusiasmo na exposição da visão liberal do cristianismo, foi Wilhelm Herrmann (um discípulo de Albrecht Ritschl), que era professor de teologia sistemática em Marburg. Em uma carta aos seus pais, Machen comenta suas impressões sobre Herrmann:

Meu principal sentimento a respeito dele é da mais profunda reverência . . . Eu tenho ficado confuso com o que ele diz . . . sua devoção a Cristo é algo mais profundo que qualquer coisa que tenho visto em mim mesmo nos últimos anos... Herrmann afirma muito pouco daquilo que estou acostumado a considerar como essencialmente cristão; todavia, não há nenhuma dúvida em minha mente de que ele é um cristão . . . Talvez ele seja como um daqueles místicos devotos da Idade Média – eles foram reconhecidamente unilaterais, mas levantaram forte protesto contra a frieza e a apatia da igreja.<sup>28</sup>

Embora ciente das limitações do seu novo professor, Machen foi grandemente impressionado pela piedade do mesmo.

Ao contrário dos professores de Princeton, Herrmann defendia que os assuntos da ciência e da fé são completamente separados e que a essência da verdadeira religião encontra-se no íntimo de cada pessoa. Acreditando que as Escrituras podem ser refutadas pela história, Herrmann defendia que elas não poderiam servir de alicerce firme para a fé cristã.<sup>29</sup> Além do mais, ele dizia que a confiança doutrinária, bem como a dependência objetiva dos ensinamentos de Jesus, só conduzem ao legalismo e são ineficazes para transformar uma pessoa em um verdadeiro cristão. Neste sentido, a única garantia teológica que alguém pode ter é sua experiência subjetiva de comunhão interior com Jesus.<sup>30</sup> Dessa forma, Herrmann enfatizava o subjetivismo e defendia o campo dos sentimentos como os únicos padrões adequados para o discurso sobre a fé cristã.

A experiência de Machen na Alemanha serve como fonte de importantes lições. Primeiro, o que mais o impressionou nos teólogos liberais alemães foi a paixão e o entusiasmo com que eles defendiam suas convicções. Provavelmente alguns professores anteriores de Machen nos Estados Unidos caíram no erro tão comum de “apenas falar acerca do evangelho . . . de crer nele e nele exultar, mas ao pregar o evangelho, apenas elogiá-lo e falar sobre

<sup>26</sup> KELLY, *Machen*, p. 463.

<sup>27</sup> GODFREY, *Liberalism*, p. 6.

<sup>28</sup> STONEHOUSE, *A biographical*, pp. 106-108.

<sup>29</sup> LONGFIELD, *Controversy*, p. 41.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 42.

ele”.<sup>31</sup> Em outras palavras, esse é o erro de se transmitir uma mensagem viva de uma forma morta. Em segundo lugar, aquele período produziu profunda sensibilidade em Machen em relação àqueles que agonizavam com conflitos semelhantes. Após aquela experiência, Machen costumava dizer que tinha simpatia e até compaixão pelo liberal que honestamente confessava suas dúvidas e sua incapacidade de crer nos aspectos sobrenaturais das Escrituras. Por outro lado, o tipo de liberal que se escondia sob uma roupagem e terminologia conservadoras era o que de fato o irritava e enjojava.<sup>32</sup>

Mais tarde em sua vida Machen chegaria à conclusão de que a teologia ensinada em Princeton lhe proporcionou um alicerce bem mais sólido para a devoção cristã. Antes de atingir tal confiança, todavia, ele experimentaria uma profunda crise.

### 3. CRISE RELIGIOSA

A admiração por Herrmann e seus ensinamentos conduziu Machen a um período de profundos questionamentos e crise teológica, no final de seu período na Alemanha. Por uma questão de coerência, ele não se julgou em condições de aceitar o convite de Princeton para assumir uma posição como professor naquela instituição.<sup>33</sup> Foi somente após receber garantias de que não teria de subscrever uma declaração de fé no primeiro ano, que ele aceitou o convite em caráter provisório.

O desafio enfrentado por Machen na Alemanha não foi apenas de natureza experimental, questionando sua vida de piedade e sua devoção a Cristo, mas foi também um desafio intelectual. Machen entendeu que a proposta dos liberais apelava profundamente à cosmovisão do homem moderno.<sup>34</sup> Assim, ele lançou-se a uma investigação da consistência lógica do liberalismo. Não havia possibilidade de se unir essas duas perspectivas mutuamente exclusivas: se o liberalismo era verdadeiro, o cristianismo histórico era falso, e vice-versa. De acordo com Reid, após o regresso de Machen da Alemanha, foram necessários “oito anos . . . para que ele recobrasse a sua fé”.<sup>35</sup>

Três pessoas foram instrumentalmente influentes no processo de restabelecimento das convicções teológicas reformadas de Machen: William P. Armstrong, Francis Patton e Benjamim B. Warfield. Ao retornar a Princeton, a amizade destes três homens possibilitou a Machen, em várias ocasiões, ver a prática do amor cristão. A despeito de sua oposição firme ao liberalismo, Patton sempre mostrou compaixão para com as angústias do jovem professor

<sup>31</sup> LLOYD-JONES, D. Martyn. *Discernido os tempos*. São Paulo, SP: PES, 1989, p. 13.

<sup>32</sup> STONEHOUSE, *A biographical*, pp. 221-222.

<sup>33</sup> LONGFIELD, *Controversy*, p. 42.

<sup>34</sup> LONGFIELD, B. J. J. Gresham Machen. Em *Makers of Christian theology in America*, orgs. Mark. G. Toulouse e James O. Duke. Nashville, TN: Abingdon Press, 1997, p. 399.

<sup>35</sup> REID, *Machen*, p. 96.

## VALDECI DA SILVA SANTOS, JOHN GRESHAM MACHEN CONTRA O LIBERALISMO

e isto conquistou a admiração de Machen a tal ponto que ele referiu-se a Patton como o seu “pai espiritual”.<sup>36</sup> Foi, todavia, B. B. Warfield quem mais influenciou Machen em sua crise religiosa. Segundo W. Andrew Hoffecker, Warfield já travava, há longos anos, uma batalha acadêmica contra o liberalismo, acusando os liberais de imporem suas perspectivas seculares às Escrituras ao invés de atentarem corretamente para o que elas ensinam.<sup>37</sup> As argumentações de Warfield mostraram-se eficazes sobre Machen, levando-o a abraçar a doutrina da inerrância e inspiração das Escrituras, bem como a convicção de que o maior bem que os cristãos podem fazer à sua geração é cultivar uma doutrina correta.<sup>38</sup>

Durante seu período como professor em Princeton, Machen gradativamente se conscientizou do avanço e dos perigos do liberalismo em sua denominação, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA). O liberalismo assumia várias formas e faces. Havia a ala acadêmica, que reduzia, doutrinas cardeais da fé cristã como o nascimento virginal, a ressurreição de Jesus e a inerrância das Escrituras à mera categoria de conceitos antiquados e irrelevantes para o cristianismo moderno.<sup>39</sup> Também havia a expressão pragmática, que procurava reinterpretar a missão da igreja como apenas o engajamento na obra social, ao invés da preocupação com a proclamação do evangelho e com a salvação de almas.<sup>40</sup> Os articuladores desse argumento defendiam uma apresentação mais relevante e pragmática da fé cristã. Por último, havia aqueles que, embora se identificassem como reformados, repudiavam o conservadorismo e acolhiam o liberalismo em nome da tolerância e da diversidade religiosa.<sup>41</sup>

Em uma de suas memoráveis pregações em Princeton, que foi publicada mais tarde sob o título *Christianity and Culture* [Cristianismo e Cultura], Machen mostrou quão consciente estava do número de dificuldades práticas que uma oposição ao liberalismo representava. Ali ele dizia: “Você pode evitar o debate se quiser. Você apenas precisa seguir o fluxo da correnteza . . . As grandes questões são facilmente evitadas. Muitos pregadores as evitam. E muitos pregadores pregam aos ares”.<sup>42</sup> Assim, embora reprovando a atitude da “não-confrontação”, Machen entendia ser esse um dos caminhos mais seguros em alguns sistemas político-eclesiásticos e, por isso, adotado por muitos. Em outra obra ele argumentou:

<sup>36</sup> LONGFIELD, *Controversy*, p. 44.

<sup>37</sup> HOFFECKER, W. Andrew. Benjamin B. Warfield. Em *Reformed Theology in America*, org. David Wells. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1985, p. 71.

<sup>38</sup> LONGFIELD, *Controversy*, p. 45.

<sup>39</sup> HART e MUETHER, *Fighting*, p. 23.

<sup>40</sup> MACHEN, *Cristianismo*, pp. 27-59.

<sup>41</sup> HART, *Faithfulness*, p. 4.

<sup>42</sup> MACHEN, J. G. Christianity and culture. *The Princeton theological review* (Vol. 11, 1913): p. 14.

O liberalismo moderno na igreja, qualquer que seja o argumento que fizermos sobre o mesmo, não é mais meramente um assunto acadêmico. Não é mais simplesmente um assunto relegado aos seminários teológicos ou universidades. Pelo contrário, seu ataque aos fundamentos da fé cristã está sendo conduzido vigorosamente através de “lições” de Escola Dominical, do púlpito e da imprensa religiosa.<sup>43</sup>

Dessa forma, Machen atacava não apenas os conceitos dos liberais, mas também a tolerância dos moderados. O liberalismo sobrevivia e crescia na igreja às custas da omissão daqueles que evitavam a discussão doutrinária.

Como membro do corpo docente de Princeton a partir de 1906, Machen aceitou a cátedra de Literatura e Exegese do Novo Testamento. Sua ordenação ao ministério, porém, só aconteceria mais tarde, em 1913.<sup>44</sup> Sua carreira acadêmica em Princeton teve um início brilhante e logo ele foi promovido a professor assistente. Também, com o advento da Primeira Guerra Mundial em 1914, Machen serviu como secretário da YMCA (*Young Men's Christian Association* – Associação Cristã de Moços) em uma base militar na França.<sup>45</sup> Os horrores da guerra lhe causaram grande impacto e cada vez mais ele se convencia de que a história humana não apontava para o progresso tão enfatizado nas pregações liberais. A crueldade praticada nas batalhas indicava a corrupção e depravação humana mais do que o ideal liberal de inocência e progresso. De volta a Princeton em 1919, Machen tornou-se um dos pilares da ortodoxia protestante, um aclamado professor do Novo Testamento e um autor internacionalmente conhecido.

#### 4. CONFLITOS INTRADENOMINACIONAIS

O período em que Machen se dedicou ao serviço militar durante a Primeira Guerra Mundial tem sido interpretado como uma preparação para a maior batalha de sua vida: a oposição ao liberalismo teológico.<sup>46</sup> Antes mesmo de servir na guerra, ele havia feito um discurso em Princeton sob o título “História e Fé”, que foi posteriormente publicado no *Princeton Theological Review*. Esse discurso poderia ser corretamente interpretado como uma resposta tardia aos ensinamentos de Wilhelm Herrman, que defendia a separação entre história e fé cristã e que pregava a experiência pessoal como única base para a segurança religiosa. Logo na introdução do discurso, Machen dizia:

A separação entre cristianismo e história tem sido a grande preocupação da teologia moderna. . . . Abandonem a História e vocês ainda serão capazes de reter algumas coisas. Vocês poderão reter a crença em Deus. Mas o teísmo

<sup>43</sup> MACHEN, *Cristianismo*, p. 27

<sup>44</sup> KELLY, *Machen*, p. 463.

<sup>45</sup> HART, *Faithfulness*, p. 4.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 4.

## VALDECI DA SILVA SANTOS, JOHN GRESHAM MACHEN CONTRA O LIBERALISMO

filosófico nunca foi uma força poderosa no mundo. Vocês poderão reter até um ideal ético. Mas fiquem plenamente cientes disto: vocês nunca poderão reter o evangelho. Pois evangelho significa “boas novas”, informação de algo que aconteceu. Em outras palavras, evangelho significa história. Um evangelho independente da história é simplesmente uma contradição de termos.<sup>47</sup>

O fato desse discurso ter sido proferido alguns meses após a ordenação de Machen ao ministério era evidência de que ele estava em paz, seguro e pronto para suas atividades eclesiásticas.

Machen iniciou o seu ministério convicto de que a resposta mais própria à ameaça liberal era um retorno às fontes históricas do cristianismo. Logo ele publicou várias mensagens sobre o nascimento virginal e a ressurreição de Cristo, onde também criticava e atacava a posição modernista.<sup>48</sup> Sua postura nestes assuntos o colocou no centro da controvérsia doutrinária em sua denominação.

Em 1920, Machen teve sua primeira participação controvertida no âmbito da Assembléia Geral de sua denominação. Naquela ocasião, os delegados da reunião deveriam votar o Plano Filadélfia, que previa a coalizão de dezenove pequenas denominações presbiterianas em uma única denominação nacional. Dentre os defensores do Plano estavam Joseph Ross Stevenson, presidente do Seminário de Princeton, e o professor Charles R. Erdman, do mesmo seminário. Contrariando seus colegas de cátedra, Machen se opôs ao plano, por entender que ele pretendia uma união jurídica e uma pluralidade teológica indesejável.<sup>49</sup> O princípio das dores eclesiásticas de Machen havia começado.

Após o seu envolvimento no debate do Plano Filadélfia, Machen publicou duas de suas mais importantes obras: *A Origem da Religião de Paulo* (1921) e *Cristianismo e Liberalismo* (1923). Tais publicações foram suficientes para torná-lo uma das figuras proeminentes da controvérsia modernista-fundamentalista no cenário americano.<sup>50</sup> Devido à posição teológica defendida em suas obras e em seu ensino, os oponentes de Machen o rotularam como “fundamentalista”. Machen apenas suportou a ofensa por amor à causa que defendia, pois ele não era simpático ao termo, chegando mesmo a dizer:

Você imagina que eu me arrependo de ter sido chamado por um termo que me aborrece profundamente, ou seja, um “fundamentalista”? É claro que sim. Mas na presença de um grande inimigo comum, eu tenho muito pouco tempo para atacar meus irmãos que se levantam comigo na defesa da Palavra de Deus.<sup>51</sup>

<sup>47</sup> MACHEN, J. G. History and faith. *The Princeton theological review* (Vol. 13, 1915): pp. 337-338.

<sup>48</sup> LONGFIELD, *Controversy*, pp. 50-53.

<sup>49</sup> HAWKINS, *A short*, p. 4.

<sup>50</sup> LONGFIELD, *Controversy*, p. 53.

<sup>51</sup> STONEHOUSE, *A biographical*, p. 337.

Aparentemente, além de entender o termo como sendo pejorativo, Machen se recusava a ser zombado simplesmente por defender o que entendia ser o evangelho bíblico.

A controvérsia modernista-fundamentalista dividiu o presbiterianismo americano em três grupos distintos: liberais, conservadores e moderados. O maior destes era o grupo dos moderados, que era liderado por Stevenson e Erdman. Este grupo cria que a preocupação dos conservadores era exagerada e que a unidade e a harmonia eclesial eram mais importantes do que as diferenças doutrinárias.<sup>52</sup> Como Hart e Muether asseveram, “os moderados não eram liberais . . . eles apenas criam que o crescimento da igreja e sua unidade eram mais importantes que a precisão e uniformidade teológica”.<sup>53</sup> Em 1925, Charles R. Erdman foi eleito moderador da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e tomou posse do cargo com um discurso sobre restauração da pureza, paz e progresso da igreja.<sup>54</sup>

O corpo docente do Seminário de Princeton não escapou da divisão em andamento na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Antes, as diferentes posturas dos professores de Princeton refletiam as divisões doutrinárias da denominação. De um lado estavam o presidente Stevenson e o professor Erdman como defensores dos moderados e, do outro lado, havia o grupo dos conservadores composto por Machen, William P. Armstrong, Caspar W. Hodge e Clarence Macartney. Um terceiro grupo, mais simpático às perspectivas liberais, era representado pelos professores John Davis e J. Richie Smith.<sup>55</sup> A crise interna em Princeton foi agravada pela indicação de Machen para ocupar a cadeira de Filosofia e Ética no seminário em 1926. Como tal indicação deveria ser ratificada pela Assembléia Geral, os oponentes de Machen utilizaram o período de tempo até a reunião da Assembléia Geral para difamar o seu nome, circulando rumores de que ele não era qualificado para o cargo.<sup>56</sup> Um dos divulgadores destes boatos foi o professor Erdman.

Buscando uma solução para o problema em Princeton, a denominação nomeou uma Comissão Especial para visitar o seminário e prestar relatório à Assembléia Geral de 1927.<sup>57</sup> Os conservadores afirmavam que os conflitos internos eram resultantes das diferenças doutrinárias entre os professores, mas, em seu relatório, a Comissão Especial assegurou que “todos os professores eram leais aos padrões da Igreja” e que as dificuldades

<sup>47</sup> HART, *Faithfulness*, p. 4.

<sup>53</sup> HART e MUETHER, *Fighting*, pp. 24-25.

<sup>54</sup> HAWKINS, *A short*, p. 4.

<sup>55</sup> LONGFIELD, *Controversy*, p. 162.

<sup>56</sup> HART, *Faithfulness*, p. 5.

<sup>57</sup> REID, *Machen*, p. 97.

internas originavam-se apenas dos “interesses de um determinado grupo”.<sup>58</sup> Isso mostra que a Comissão entendeu que o problema seria eliminado, não pelo debate das questões teológicas, mas por uma manobra administrativa. Os eventos que seguiram aquela investigação provaram ser, no mínimo, desastrosos. Aceitando o relatório da Comissão, a Assembléia Geral de 1927 resolveu nomear uma comissão para estudar a reorganização administrativa de Princeton.<sup>59</sup> Machen, então, publicou um panfleto protestando contra tal intervenção.<sup>60</sup> A intervenção, porém, veio e a Junta Diretora foi reorganizada em 1929. A nova Junta passou a ser composta por uma maioria de liberais e moderados, e apenas alguns conservadores.<sup>61</sup> Neste ponto, Machen decidiu abandonar a instituição e fundar o Seminário Teológico Westminster, com o firme objetivo de dar continuidade à tradição calvinista.<sup>62</sup>

Antes de emitir julgamento sobre a atitude de Machen, devemos considerar as razões que o levaram a declinar de sua posição em Princeton. Primeiramente, ele entendeu que, com a reorganização, o seminário havia perdido sua identidade doutrinária, pois a maioria da nova Junta Diretora era um misto de liberais e moderados. Mais tarde Machen lamentaria: “Se a proposta . . . da dissolução da presente Junta Diretora realmente ocorrer . . . e o controle do seminário passar a diferentes mãos – o Seminário Teológico de Princeton, como ele tem sido conhecido por tantos anos, estará morto e nós teremos, em Princeton, uma instituição radicalmente diferente”.<sup>63</sup> Em segundo lugar, Machen entendeu que se ele permanecesse em Princeton, a articulação injusta dos liberais e moderados seria para sempre ocultada da igreja. Nesse sentido, Longfield interpreta que a fundação de Westminster foi um “protesto institucional contra a reorganização [de Princeton] em 1929”.<sup>64</sup> E, por último, Machen e seus amigos almejavam o estabelecimento de uma instituição para o treinamento de uma geração de defensores da verdadeira fé cristã.<sup>65</sup>

<sup>58</sup> *Report of the Special Committee to Visit Princeton Theological Seminary to the General Assembly of the Presbyterian Church in the USA*. Philadelphia: Office of the General Assembly, 1927, pp. 47-49.

<sup>59</sup> CALHOUN, David B. *Princeton Seminary: The majestic testimony, 1869-1929*. Edinburgh: The Banner of Trust Truth, 1996, p. 378.

<sup>60</sup> MACHEN, J. Gresham. *The attack upon Princeton Seminary: A plea for fair play*. Princeton: J. Machen, 1927.

<sup>61</sup> HART, *Faithfulness*, p. 5.

<sup>62</sup> REID, *Machen*, p. 97.

<sup>63</sup> STONEHOUSE, Ned B. *A biographical memoir*, p. 427.

<sup>64</sup> LONGFIELD, *Controversy*, p. 178.

<sup>65</sup> HART, *Faithfulness*, p. 5.

## 5. NASCE UMA DENOMINAÇÃO

A fundação do Seminário Teológico Westminster não colocou um ponto final à controvérsia doutrinária dentro da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e, conseqüentemente, não extinguiu a inquietação interior de Machen. Diante de indícios de que as tendências liberais haviam atingido até a Junta de Missões Estrangeiras, Machen passou a se preocupar com a condição doutrinária dos campos onde os alunos graduados em Westminster haveriam de servir.<sup>66</sup> Machen protestou veementemente contra o fato de a Junta de Missões Estrangeiras ter apoiado um relatório intitulado *Rethinking Missions* [Repensando Missões], o qual, na opinião de Machen, “era um ataque, do começo ao fim, à fé cristã histórica”.<sup>67</sup>

Machen documentou suas suspeitas a respeito da Junta de Missões Estrangeiras e as encaminhou, primeiramente ao secretário da mesma, Robert E. Speer, e depois a todos os membros da Junta, bem como a cada líder do seu presbitério. Essas suspeitas baseavam-se na tendência da Junta de discriminar candidatos conservadores, tolerar postulados liberais em nome da unidade da igreja e defender uma visão social da apresentação do evangelho.<sup>68</sup> O Presbitério de New Brunswick, do qual Machen fazia parte, decidiu encaminhar a questão para ser considerada pela Assembléia Geral de 1933. Naquela assembléia Machen foi vencido mais uma vez, pois os atos da Junta de Missões Estrangeira foram aprovados pela maioria.

Juntamente com outros vinte e quatro líderes conservadores, Machen formou a Junta Independente de Missões Estrangeiras para acolher missionários conservadores e comprometidos com a doutrina calvinista.<sup>69</sup> Mas os seus oponentes não deixariam isso por menos e, após várias articulações, a organização da Junta Independente de Missões foi declarada inconstitucional pela Assembléia Geral de 1934.<sup>70</sup> Hart argumenta a favor da ilegalidade daquele ato, uma vez que a constituição da igreja permitia que congregações locais mantivessem missões interdenominacionais.<sup>71</sup> Os membros da Junta Independente foram intimados a suspender suas atividades sob ameaças de sanções disciplinares. Como conseqüência, Machen foi levado a julgamento no seu presbitério, o qual se recusou a receber quaisquer justificativas que apresentassem questões doutrinárias. Machen foi assim despojado do ministério. Segundo Hart, até o editor de assuntos religiosos do jornal de Boston, na ocasião, declarou que o julgamento de Machen foi “deplorável”.<sup>72</sup>

<sup>66</sup> LONGFIELD, *Controversy*, pp. 181-205.

<sup>67</sup> STONEHOUSE, *A biographical*, p. 475.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 181, pp. 196-205; HART, Daryl G. J. Gresham Machen and the controversy over Presbyterian foreign missions. *The Outlook* (September, 1997): pp. 11-12.

<sup>69</sup> LONGFIELD, *Controversy*, p. 98.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 209.

<sup>71</sup> HART, *Missions*, p. 12.

<sup>72</sup> HART, *Faithfulness*, p. 5.

## VALDECI DA SILVA SANTOS, JOHN GRESHAM MACHEN CONTRA O LIBERALISMO

Após os eventos descritos acima, Machen apelou à Assembléia Geral, onde seu recurso mais uma vez foi indeferido. A única opção deixada a Machen e a outros 5.000 conservadores foi a formação de uma nova denominação em 1936, a Igreja Presbiteriana da América, que mais tarde veio a chamar-se Igreja Presbiteriana Ortodoxa – OPC.<sup>73</sup> Machen foi eleito o seu primeiro moderador.

Em meio à euforia do processo de formação da Igreja Presbiteriana da América (daqui em diante OPC), as possibilidades de tensões internas na nova denominação passaram despercebidas. Essas tensões surgiram em função das aspirações políticas e das diferentes posições escatológicas de alguns membros do grupo, bem como de perspectivas divergentes quanto aos limites da liberdade cristã.<sup>74</sup> As tensões internas na nova denominação cresceram a tal ponto que, durante a segunda Assembléia Geral da OPC em 1936, Carl McIntire articulou a saída de Machen da presidência da Junta Independente de Missões e assumiu o posto. De acordo com Rian, “amigos íntimos de Machen crêem que ele foi tão afetado por este evento . . . que sua saúde física ficou debilitada e ele tornou-se presa fácil da enfermidade que tiraria a sua vida”.<sup>75</sup> Meses mais tarde, McIntire e alguns amigos deixariam a OPC para fundar o Sínodo Presbiteriano da Bíblia (ou Bíblico).

No final de 1936, Machen foi convidado a pregar no Estado de Dakota do Norte. Enquanto estava viajando, contraiu pneumonia e veio a falecer em 1º de janeiro de 1937, com 55 anos de idade. Os amigos de Machen haviam insistido com ele para que desistisse daquela viagem e procurasse cuidar melhor de sua saúde. Toda a insistência, porém, foi em vão, pois ele demonstrava rígida determinação em cumprir os compromissos previamente estabelecidos. Dessa forma, Machen teve sua vida tomada pelo Senhor quando estava no meio de uma grande obra, ou seja, a criação do Seminário Teológico Westminster e da Igreja Presbiteriana Ortodoxa. Nos últimos momentos de sua vida ele se encontrava desprovido da companhia de seus parentes e amigos. Como escreve Hart, “um irônico fim para uma vida impressionante”.<sup>76</sup>

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão do presente ensaio, há que se admitir a omissão seletiva de muitos outros assuntos importantes. Todavia, há ainda dois pontos especialmente relevantes para uma pesquisa como esta. O primeiro diz respeito à análise da personalidade inquieta de Machen. O fato de ele freqüentemente se envolver, de forma incansável, em disputas teológicas e eclesiásticas, as

<sup>73</sup> Ibid., p. 5.

<sup>74</sup> RIAN, Edwin H., *The Presbyterian conflict*. Filadélfia: The Committee of the Historian for the Orthodox Presbyterian Church, 1992, pp. 355-356.

<sup>75</sup> Ibid., p. 359.

<sup>76</sup> HART, *Faithfulness*, p. 5.

quais culminaram na sua separação da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, tem sido alvo de diferentes interpretações por parte dos estudiosos. Bradley J. Longfield atribui essa característica de Machen à sua herança sulista, pois ele havia sido criado em um lar que cultuava a causa perdida do sul dos Estados Unidos durante a Guerra da Secessão.<sup>77</sup> Com isso, Longfield entende que Machen estava comprometido com a causa da separação. Em uma carta ao seu amigo Clarence E. Macartney, Machen afirmou: “Eu, por outro lado, anseio por uma divisão e oro com toda minha alma para que esta divisão ocorra logo”.<sup>78</sup> Essa afirmação é uma das principais fontes para a conclusão de Longfield de que a divisão do presbiterianismo norte-americano era um dos principais alvos de Machen. Todavia, não se pode ignorar o fato de que Machen encontrava-se no meio de intensa batalha doutrinária ao escrever essa frase e, antes de revelar um alvo pessoal, a mesma poderia simplesmente expressar o cansaço de um homem grandemente ferido.

Interpretar a luta de Machen contra o liberalismo em termos de sua herança e influência cultural além de equivocado pode ser perigoso. Uma perspectiva como esta reduziria o zelo e o esforço de Machen a motivações subjetivas e egocêntricas. Neste assunto, parece que Hart e Reid aproximam-se mais da verdade. Ambos são unânimes em afirmar que as motivações de Machen basearam-se essencialmente em suas convicções doutrinárias e em seu zelo pela igreja de Cristo.<sup>79</sup> Segundo Hart, Machen agiu como alguém que entendeu que “a causa de Cristo exige uma postura de contínua vigilância pela verdade e oposição ao erro”.<sup>80</sup> Machen parecia estar convicto de que sua defesa da fé cristã era um mandato divino. Além do mais, quando ele expressou seu desejo pela divisão denominacional, ele o fez por crer que a presença do liberalismo havia tornado “a Igreja Presbiteriana dos EUA uma igreja apóstata”.<sup>81</sup>

Um segundo ponto a ser considerado diz respeito à influência de Machen sobre o evangelicalismo moderno. Neste aspecto, Reid nos lembra que “certamente ele influenciou muitos dos seus alunos tanto em Princeton quanto em Westminster, mas sua morte súbita parece ter reduzido sua influência”.<sup>82</sup> Um dos alunos de Machen que certamente impactou o evangelicalismo moderno foi Francis Schaeffer, que, como seu mestre, foi incansável na defesa da fé cristã.<sup>83</sup> O atual surgimento de um renovado interesse aca-

<sup>77</sup> LONGFIELD, *Controversy*, pp. 36-38.

<sup>78</sup> *Apud* LONGFIELD, *Controversy*, p. 212.

<sup>79</sup> HART, *Missions*, pp. 11-12; REID, *Machen*, pp. 98-105.

<sup>80</sup> HART, *Faithfulness*, p. 5.

<sup>81</sup> *Apud* LONGFIELD, *Controversy*, p. 212.

<sup>82</sup> REID, *Machen*, p. 110.

<sup>83</sup> ROGERS, Jack. Francis Schaeffer. Em *Makers of Christian theology in America*, orgs. Mark G. Toulouse e James O. Duke. Nashville: Abingdon Press, 1997, pp. 403-405.

## VALDECI DA SILVA SANTOS, JOHN GRESHAM MACHEN CONTRA O LIBERALISMO

dêmico pelas contribuições de Machen e por sua teologia também pode ser positivamente interpretado como um interesse pela fé uma vez entregue aos santos. Kelly parece correto ao afirmar que o “cristianismo evangélico no mundo ocidental deve muita coisa a Machen”.<sup>84</sup>

Certamente várias lições poderiam ser extraídas do estudo sobre a vida e obra de J. G. Machen e de sua incansável luta em prol da verdade bíblica. Todavia, sete lições são especialmente relevantes para o evangelicalismo contemporâneo. Primeiramente, a luta de Machen é um alerta contra o descaso doutrinário e a opção pelo pragmatismo nas atividades eclesiais. A história do cristianismo demonstra que a indiferença doutrinária na igreja geralmente torna-se terreno fértil para o pluralismo religioso, heresias e desvios variados. Em segundo lugar, a história de Machen também é uma advertência contra o perigo do indiferentismo daqueles que afirmam que a luta em prol da verdade não é dever prioritário dos seus líderes. O liberalismo teológico americano encontrou um grande aliado na ala dos moderados, daqueles que optaram pela harmonia em detrimento da verdade. Em contrapartida, e em terceiro lugar, a experiência de Machen aponta ainda para a necessidade de se exercitar paciência com aqueles que sinceramente lutam para compreender algumas verdades do cristianismo. Em determinado momento de sua vida, Machen foi tomado por profunda crise e batalhou contra sérias dúvidas. Em sua graça, Deus não apenas sustentou o jovem teólogo, como também lhe providenciou amigos mais chegados que irmãos durante suas severas tribulações.

Em quarto lugar, a experiência de Machen aponta para a necessidade de se diferenciar os variados níveis de erros dentro da igreja. Há algumas pessoas que estão sinceramente enganadas, enquanto que outras conscientemente propagam o engano. Machen se compadecia das primeiras e ficava profundamente irritado com as últimas. Em quinto lugar, a luta de Machen não foi produto de sua personalidade beligerante, mas de seu zelo em prol das verdades fundamentais do evangelho. Para ele, doutrinas como o nascimento virginal de Cristo e a inspiração das Escrituras, assim como a proclamação do evangelho bíblico, encontravam-se no cerne e não na periferia da fé cristã. Machen claramente indicou que sem aquelas doutrinas fundamentais o evangelho seria reduzido apenas a uma filosofia humanista. O liberalismo não é apenas uma forma diferente de cristianismo, mas uma perversão do mesmo, algo totalmente contrário ao cristianismo bíblico.

Em sexto lugar, a história de Machen e sua luta em defesa da fé cristã aponta para a necessidade de os estudantes de teologia, especialmente pastores e seminaristas, ficarem atentos contra a sedução do liberalismo. Como foi visto, o liberalismo teológico muitas vezes se esconde debaixo de uma auréola de intelectualismo superior ou de uma aparência de devoção. Outras

<sup>84</sup> KELLY, *Machen*, p. 464.

vezes, porém, ele se utiliza do apoio dos moderados que, sob uma conclamação à paz, minimizam a importância e profundidade das divergências teológicas, e permitem o seu avanço. Finalmente, o zelo apologético de Machen ainda aponta para a necessidade de séria reflexão e cuidadosa comunicação na resposta aos erros que minam a fé cristã. O academicismo de Machen era respeitado até por seus inimigos e na comunicação da verdade ele utilizou praticamente todos os canais possíveis em sua época, incluindo a comunicação pessoal, o púlpito, a imprensa e o rádio. Além do mais, a sua argumentação era sempre clara e objetiva.<sup>85</sup>

A história de Machen ainda indica a importância de se fundar e manter instituições comprometidas com a defesa e a propagação do verdadeiro evangelho. A história do Seminário Teológico Westminster e da Igreja Presbiteriana Ortodoxa parece ser ilustração viva dessa verdade. Por último, a morte trágica de Machen aos 55 anos de idade é um alerta em prol do uso correto do tempo e dos talentos para a glória de Deus. Remir o tempo no serviço do Mestre é uma exortação bíblica, pois nenhum soldado em serviço deve desperdiçá-lo nos negócios desta vida (2Tm 2.4).

Certamente Machen possuía fraquezas e cometeu erros. É sempre perigoso aproximar-se do passado com idéias românticas e canonizar como impecáveis aqueles que foram apenas vasos de barro, pois nesse caso uma biografia se tornaria uma “biolatria”. Assim sendo, há que se mencionar, de passagem, duas fraquezas evidentes de John G. Machen. Primeiro, ainda que pareça impróprio atribuir o zelo de Machen apenas à sua personalidade, não se pode negar que ele realmente possuía uma personalidade difícil. A comissão que não o recomendou para a cadeira de apologética em Princeton se referiu a ele como sendo “temperamental”.<sup>86</sup> Certamente ele possuía alguns traços contundentes que careciam ser moldados e dominados pela gentileza cristã. Em segundo lugar, Machen demonstrava ser incansável em seu trabalho a ponto de render-se ao ativismo. Por exemplo, devido às condições de sua saúde, seus colegas insistiram com ele para desistir da viagem a Dakota, a qual resultou em sua morte. Machen, porém, parecia mais disposto a entregar-se ao que acreditava ser o seu dever, do que ouvir as exortações dos amigos. A preguiça e o ativismo parecem ser parentes próximos: ambos desviam o cristão da rota central e das prescrições da Palavra de Deus.

Finalmente, a despeito de seus erros e em virtude dos seus acertos, John G. Machen motivou vários discípulos e continua inspirando muitos a batalhar pela fé uma vez entregue aos santos. Suas obras são importantes ferramentas nessa luta.

<sup>85</sup> Um bom exemplo do zelo acadêmico de Machen pode ser encontrado em seu ensaio *The importance of Christian scholarship*. <http://bpc.org/resources/articles/machen/scholar.html> (acesso em 11.05.2004).

<sup>86</sup> STONEHOUSE, J. *Gresham Machen: A biographical memoir*, p. 389.

VALDECI DA SILVA SANTOS, JOHN GRESHAM MACHEN CONTRA O LIBERALISMO

### ABSTRACT

John Gresham Machen (1881-1936) was one of the most articulate defenders of orthodox Christianity against the liberalizing and rationalizing trends of the early twentieth century in the United States. Influenced by his Reformed Protestant background, Machen was trained as a minister at Princeton Seminary and the universities of Marburg e Göttingen, in Germany. After his return from Germany, Machen assumed the chair of New Testament literature and exegesis at Princeton. He also wrote many theological articles and books. Distressed by the forces of theological liberalism, Machen left his teaching position at Princeton in 1929 in order to found Westminster Theological Seminary. After the increase of theological controversy in his denomination (the Presbyterian Church in the United States of America – PCUSA), Machen went condemned in an ecclesiastical trial. With his expulsion from the PCUSA, Machen and some other ministers founded the Orthodox Presbyterian Church in 1936, the year of his death. The present article deals with some important aspects of Machen's life and work. At the end, the author highlights some practical lessons from the contributions of this servant of God whose ministry was characterized by his fight for the faith once delivered to the saints.

### KEYWORDS

Machen; Presbyterianism; Fundamentalism; Liberalism; Modernism; Princeton Theological Seminary; Westminster Theological Seminary; theological education; Orthodox Presbyterian Church.